

MEIO AMBIENTE, CURVAS PERIGOSAS E ESTILO DE VIDA

Gervásio Paulus¹

Estamos vivendo uma mudança de época, mas fundamentalmente vivemos uma época de mudanças. O século que ficou para trás foi marcado por muito desenvolvimento e pouca sustentabilidade. O espetacular avanço verificado em diferentes campos do conhecimento científico e tecnológico permitiu conquistas importantes, mas muitas vezes tomou um rumo que coloca em risco a própria sobrevivência da humanidade, à medida que recursos naturais não renováveis, portanto finitos, são largamente explorados, sem a mínima preocupação com o seu esgotamento e com os efeitos adversos que seu uso provoca. Como consequência, o ar está se tornando mais poluído, as águas estão ficando mais contaminadas e até o alimento que consumimos muitas vezes chega às nossas mesas envenenado. Dirão alguns que esse é o preço do progresso, que o importante é o crescimento econômico, o aumento do consumo, etc. Mas sabemos todos que os benefícios gerados não são para todos e que, se persistir o atual modelo de desenvolvimento, as gerações futuras ficarão privadas de alguns dos direitos básicos que um ser humano hoje ainda hoje pode usufruir, como o acesso à água limpa para consumo e ao ar despoluído para respirar.

Estamos diante de um momento decisivo da encruzilhada civilizatória. A pergunta que fazemos é: será mesmo que este é o único caminho? Será que não somos capazes de propor e construir caminhos alternativos de desenvolvimento, que conduzam a um uso mais parcimonioso dos recursos naturais? Acreditamos que sim, e que os principais limites a essa mudança nos rumos do desenvolvimento não são de natureza tecnológica, mas que respondem a interesses econômicos que não raro se sobrepõem aos imperativos sociais e ambientais.

Como mudar isso? Talvez o primeiro passo seja uma mudança de foco, isto é, mudarmos a maneira de perceber o meio no qual estamos inseridos e do qual somos parte inseparável (ainda que nem sempre nos apercebamos disso). Vamos a um exemplo concreto. Ao andarmos de carro em uma rodovia não raro nos deparamos com uma placa alertando os motoristas: “Devagar! Curva perigosa!” Não cabe nenhuma dúvida quanto à utilidade deste aviso. Mas uma reflexão um pouco mais profunda nos remete à seguinte pergunta: será mesmo que existem curvas que são perigosas? Não seria o procedimento do motorista que se revela perigoso, frente a uma determinada característica do meio físico, que naquele local se

¹ Engenheiro Agrônomo, Extensionista Rural da EMATER-RS/ASCAR.

manifesta como uma curva? Se aceitarmos, como o bom senso sugere, que não existe intencionalidade na presença de uma curva em relação à nossa passagem pela estrada (lembramos apenas que as curvas já existiam muito antes da presença humana, desde o período de formação do relevo), então nos resta aceitar que trata-se na verdade de uma relação perigosa que o ser humano estabelece com a conformação do relevo. De forma semelhante ocorre com as enchentes, cuja “culpa” é sempre do excesso de chuva, e nunca de uma ocupação humana e espacial mal ou não planejadas, aliadas freqüentemente a fatores como o desmatamento e um uso inadequado das terras, o qual aumenta a erosão e a velocidade de escoamento das águas. Com isso queremos dizer que, quando nos referimos à sustentabilidade ambiental estamos na verdade falando da maneira como nós, seres humanos, nos relacionamos com o meio circundante, inclusive com as demais pessoas que habitam na nossa comunidade, vila, município ou região. Em outras palavras, o que tem que ser sustentável não é determinado rio, cascata, floresta, esta ou aquela espécie animal ou vegetal, mas é a **relação ser humano-meio**.

É na postura de separação do ser humano da natureza, na atitude de colocar-se acima e sobre a natureza (como se estivéssemos atrás da tela de um computador controlando variáveis como a eliminação e introdução de outras espécies, poluição do solo, água e ar sem que isso também nos afetasse), que está a raiz da insustentabilidade do atual modelo de desenvolvimento e do estilo de vida decorrente do mesmo. É necessário mudar a postura de dominação, de dilapidação dos recursos naturais a qualquer custo, em nome de interesses exclusivamente econômicos, por um sentimento de pertença, de coexistência, de que somos parte do ambiente. Não se trata apenas de ação, mas de interação com o meio em que vivemos. E isso tem implicações profundas, que se traduzem em ações concretas em diversos níveis. No âmbito da comunidade ou região, significa que o desenvolvimento deve ser planejado tendo em conta a construção de contextos de sustentabilidade, os quais são ambiental, social e culturalmente definidos, e coletivamente construídos. No terreno da vida cotidiana, nos remete a um conjunto de valores e de atitudes que dizem respeito ao nosso *estilo de vida*. Afinal, vivemos em uma sociedade consumista, na qual as pessoas cada vez mais parecem movidas pela criação permanente de novos desejos, cuja satisfação muitas vezes se dá às custas da privação das necessidades de muitos. Sabemos que existe uma correlação direta entre o padrão de consumo e a produção de lixo. Neste cenário, gestos

aparentemente pequenos adquirem significação maior, não tanto pelo impacto direto e imediato que possam representar (muito embora ele também se faça sentir) mas muito especialmente pelo seu potencial de desencadear mudanças moleculares na consciência individual e coletiva em relação aos problemas sócio-ambientais. Atitudes singelas como a separação e reciclagem de lixo, o ato de não jogar um papel na rua, não fumar em uma sala fechada, evitar o desperdício, mais do que simples hábitos, são reveladores de valores. Não é uma questão de ter ou não dinheiro para comprar e descartar, mas uma questão de postura. É por isso que a mudança maior passa necessariamente pela dimensão da educação.

Se compreendermos que o ambiente é um todo, que inclui os seres humanos, então é fundamental que cada um de nós faça a sua parte, seja na sua casa, na rua, na escola, no bairro, município ou região onde vivemos. À maneira da máxima dos ecologistas: “pensar globalmente, agir localmente”. Afinal, a consciência ambiental só adquire real significação quando se traduz em prática cotidiana.